

# Crónica Musical

*Im wunderschönen Monat Mai* — No Rivoli: uma apresentação e uma apoteose — Recordando noites de beleza — Discípula e Mestre — De novo Freitas Branco e a sua Orquestra — Maria Alice Ferreira — A sua aparição — Uma noite que é uma alvorada — Guilhermina Suggia — Momentos eternos — A Artista, o seu génio e a multidão — A maior e mais bela das lápides comemorativas

Nos primeiros dias de Maio — *«Im wunderschönen Monat Mai»* como nos disse o grande poeta do *Intermezzo* — deram-se nesta cidade dois acontecimentos musicais, que não devem passar sem referência nestas crónicas: uma apresentação e uma apoteose.

A apresentação, que era para muitos uma promessa, volveu-se para todos em certeza. Encheram-se de ouvintes o mais vasto teatro do Pôrto, o Rivoli. Para lá convergiram, ao começo da noite de 4, centenas e centenas de pessoas. De tudo devia haver nessa multidão heterogênea, que, quasi às ondas, ia enchendo a sala: curiosos, incrédulos e crentes.

Entretanto fóra, continuavam a rodar os automóveis, que depois se espraíavam, tomando posição nas imediações do teatro. A Grande Orquestra da Emissora Nacional, que dias antes nos deslumbrára, abre com o *Rienzi*, um prólogo entusiástico a essa noite de arte.

Freitas Branco é aclamado à frente da sua esplêndida cohorte. A sala tem já uma disposição magnífica. A atenção redobra de intensidade.

Sente-se que passa no ar uma convergência simultânea de olhares e de espíritos. Nisto a orquestra levanta-se e abre caminho a uma alvorada que se adianta até ao lugar, que lhe é destinado.

Projectando-se no fundo preto dos fatos dos instrumentistas, lembra qualquer coisa de matinal, um sorriso de luz. Era a concertista dessa noite, Maria Alice Ferreira. O público recebe-a fidalgamente. As palmas, em aclamação, sucedem-se aos números do programa, cumprido rigorosamente.

A concertista — assim devemos chamar-lhe, atenta a importância da prova a que se se submete — põe em evidência indubitáveis qualidades de mérito que lhe dão todo o direito às honras duma plateia culta e justa.

Qualidade e quantidade de som, afinação, segurança, largueza de arcada e inteligência do fraseio, o que, tudo junto, dá esta soma — talento. Será isto dizer que tem tudo feito?

Não. A sua própria inteligência lhe dirá que pôz pé firme no começo duma carreira que vai a subir.

Mal iria ao artista que se supuzesse ter atingido definitivamente o seu alvo: teria assistido ao próprio fim.

A vida alimenta-se de sonho; e a arte, que é a sua intérprete fiel, não pode deixar de sonhar também, ascendendo sempre de aspiração em aspiração. Foi muito, foi muitíssimo o que fez nessa noite; mas agora — olhar ao alto.

Possa o éco das aclamações ferventes, que ouviu, e o perfume das flores inúmeras, que recebeu transformar-se num estímulo cada vez mais vivo a apontar-lhe sempre a estrada radiosa, mas difícil, aberta às suas privilegiadas qualidades e por onde a conduz a mão segura da sua gloriosíssima e inegalável Mestre.

Nos acompanhamentos, é de justiça registar o quinhão de elogio que cabe à orquestra e à pianista Maria de Lourdes Ferreira, gentilíssima irmã da concertista, pelo talento com que os realizaram. Noite admirável, que nos fica simbólica-

mente a rescender a flores! Noite de Primavera e Primavera da Alma!

E agora Suggia! Será possível, porventura, exprimir, comunicar por palavras pautadas e sujeitas a regras estabelecidas, toda essa desordem íntima, toda essa alucinação de visionar mundos, todo esse dinamismo irresistível que, minuto a minuto, nos convulsionava fundamentalmente até às origens do nosso ser? Não: Traços largos. Uma estátua, quando destinada à luz forte do dia, deve ser rebatida em planos incisivos e grandes. Nessa noite, Suggia afigurava-se-me uma nobre visão da estatuária antiga. Não uma figura de hoje, mas, superior ao tempo, de todos os tempos — uma encarnação misteriosa do que há de eterno na vida. Trajando de preto, teve, a meu ver, uma ideia felicíssima. O vestido dava-lhe um hieratismo, ao mesmo tempo, solene e estranho.

Intérprete poderosa da alma humana, ela realizava perturbadoramente a protagonista do drama intenso da vida, tão cheio e alternado de extases e de angústias!

Pesa na sala um silêncio concentrado, absorvente, depois das palmas vibrantes que a saudaram. Aguarda-se com ânsia a primeira arcada. Ei-la. E a atmosfera carregase de electricidade que, de quando em quando, à medida que a audição prossegue, rebôa em descargas atroadoras. Sucodem-se o sábio Tartini, Sammartini, Dvorak... Parmos.

Se tudo na noite foi grande, o Concerto de Dvorak deve, no entanto destacar-se pela vastidão da obra e pelas culminâncias atingidas pela artista. Nos seus três tempos, esta composição dá-nos um tritico empolgante, em que passam todas as emoções, desde o lirismo simples ou amoroso às freências épicas dum apelo de levante.

Há passagens que não se ouvem sem um calafrio na espinha dorsal. A artista domina-nos absolutamente: tem-nos nas mãos. A Orquestra secundam-a à altura das suas responsabilidades, sob a batuta sugestiva de Pedro de Freitas Branco.

Depois disto que dizer? Não fazamos enumerações.

Fiquemo-nos a escutar, a escutar ainda e sempre, os ecos que guardaremos na alma. O concerto decorre num crescendo formidável.

De arte? Não seria possível! Por tão alto pairava a eminentíssima artista.

Mas de arrebatamento. Esgotado o programa, há *extras*. E, ouvidos os *extras*, há gritos, bravos, palmas, num esquecimento, num desprezo magnífico da hora que avança!

Tinha, porém, de findar o encantamento. E findou? Não. Saímos. Lá dentro ficou uma lápide, marcando a oiro, a noite que passava. Mas a verdadeira lápide comemorativa inscreveu-a a Artista insignníssima, a golpes de génio, na lembrança impercível da multidão imensa que, de pé e olhos marejados, arremessava aos pés de Suggia, a sua alma agradecida e louca de comoção.

Pôrto, 13-V-1937.

*Josefina T. T. T. T. T.*